

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO
SOCIAL – UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM
ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO
ENSINO MÉDIO**

por

Nathan Belcavello de Oliveira

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Geografia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Professor Mestre Luiz Fernando Soares de Castro

Juiz de Fora,
2005

Exame de Monografia

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. Por uma Geografia da verdadeira Inclusão Social – uma análise sobre globalização em alguns livros didáticos de Geografia do Ensino Médio. Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Geografia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Banca Examinadora:

Professor Mestre Luiz Fernando Soares de Castro (Orientador)

Professor Doutor Francisco de Assis Penteado Mazetto

Professor Mestre Pedro José de Oliveira Machado

Examinada a Monografia.

Conceito: _____

Juiz de Fora, _____ de _____ de _____.

A Deus, minha família e a minha namorada

Agradecimentos

Ao Deus Triuno, que me amparou como Pai nos momentos de lutas, que me salvou como irmão, levando-me para o caminho da verdade e da luz e consolou-me como amigo nos momentos de aflições, dando-me humildade, vitórias e esperança de vida eterna.

Aos meus pais, bênçãos do Senhor, pela paciência, ensinamentos, alegrias que me deram, dores que tiveram por mim e pela certeza de sempre poder contar com uma palavra sábia nos momentos certos.

A meus irmãos Lucas, Anderson, Darlan, Franz e Éder.

Aos muitos amigos de curso, em especial aos de minha turma, co-produtores de minha vida acadêmica.

A todos professores que já tive em minha vida estudantil, pois construíram o que sou hoje.

*“Com as mãos sujas pelo trabalho, mas de
coração e consciência limpas”.*

Antônio José de Oliveira, coletor de resíduos
sólidos de Juiz de Fora – MG.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE TABELAS.....	ix
SINÓPSE.....	x
INTRODUÇÃO.....	11
1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL.....	13
1.1. A Globalização: este estranho conhecido.....	13
1.1.1. Globalização perversa e a outra globalização possível.....	18
1.2. A Inclusão Social: este conhecido estranho.....	19
1.3. A outra Globalização e a Verdadeira Inclusão Social.....	23
2. GLOBALIZAÇÃO SEGUNDO OS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA ESTABELECIDOS PELOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	26
3. ANÁLISE DA GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO.....	31
3.1. A Globalização e a verdadeira inclusão social no livro didático de MAGNOLI et ARAUJO.....	32

3.2. A globalização e a verdadeira inclusão social no livro didático de ADAS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclos de inovação tecnológica de Krondatieff e Schumpeter.....	33
Figura 2 – Quadro explicativo sobre a importância das redes de informação.....	34
Figura 3 – Cartograma anamofórmico que representa investimentos em pesquisa e desenvolvimento no mundo.....	35
Figura 4 – Globalização.....	37
Figura 5 – Descontentamento perante a globalização.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Concepção norteadora e elementos de aprofundamento relacionados aos conceitos de globalização, técnicas e redes.....	27
---	----

SINÓPSE

Este trabalho tem por finalidade debater os conceitos de globalização e de inclusão social no Ensino Médio, enfatizando a análise de alguns livros didáticos sobre a temática proposta.

Procuramos, baseados em critérios concretos, apontar para uma outra globalização possível, onde a verdadeira inclusão social que defendemos, possa se efetivar em sua plenitude.

INTRODUÇÃO

Por uma Geografia da Verdadeira Inclusão Social – talvez este título aparente ser um pouco pretensioso para uma monografia de licenciatura. Mas se traduziu na forma mais apropriada para resumir nosso propósito neste trabalho.

Colocamos desde o início que assumimos um caráter de luta contra a ideologia posta em prática na atual globalização – principal foco de análise dentro da lógica que queremos estabelecer para relacioná-la com o que chamamos de verdadeira inclusão social.

“Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele” (FREIRE, 1996: 86).

Este nosso posicionamento nos faz buscar um conceito que vá além daquilo que é conhecido como globalização em sua forma atual de desenvolvimento, procurando enfatizar para quem ela está servindo e como podemos alterar este processo em prol de uma verdadeira inclusão social.

Optamos por tratar estes conceitos no Ensino Médio, pois acreditamos que seja o período onde o debate pode se realizar de forma plena, a fim de formar um cidadão crítico, capaz de interpretar seu espaço.

Assim, dividimos o texto em quatro partes.

INTRODUÇÃO

A primeira trata sobre os conceitos de globalização e de inclusão social – tanto o que adotamos para desenvolvimento de nosso raciocínio, quanto os que pretendemos combater. Então, procuramos relacionar entre si os conceitos que adotamos sobre globalização e inclusão social.

Logo após analisamos o conceito de globalização nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM* – e nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN+ EM* – enfatizando a relação com a verdadeira inclusão social.

Como terceira parte, partimos para análise de como a globalização é tratada em alguns livros didáticos do Ensino Médio, relacionando-a com a verdadeira inclusão social.

Por fim, estabelecemos algumas considerações a respeito de nossas análises e de nosso posicionamento perante o ensino sobre globalização e inclusão social.

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

A globalização é o tema mais debatido na atualidade. Muitos são os conceitos e definições que envolvem o termo, até mesmo existindo aqueles que participam da idéia da inexistência de tal globalização.

Outra palavra de ordem em nossos dias é a inclusão social, quase sempre atrelada por sua antítese, a exclusão social. Este termo se traduz em ações das mais diversas instituições – organismos supranacionais, governos, empresas, organizações não-governamentais – sobretudo, em países subdesenvolvidos ou emergentes, como o Brasil; ações estas igualmente diversas e com objetivos, muitas vezes, difusos e confusos, o que acaba por findar em objetivos incompletos, falsos.

Globalização e inclusão social são dois termos que podem ser facilmente encontrados juntos. Por vezes se encontram como sendo o primeiro condicionado ao segundo, como se a globalização dependesse da inclusão social de todos indivíduos para sua efetivação completa. Por outras, são vistos como antagônicos, como se na globalização fosse impossível haver uma verdadeira inclusão social em todo sentido que o termo pode conter verdadeiramente, ou seja, uma utopia.

Sendo assim, partamos para uma conceituação daquilo que neste trabalho iremos denominar como globalização e como verdadeira inclusão social, para que possamos, conseqüentemente, estabelecermos a relação que queremos apontar entre estes dois termos.

1.1. A Globalização: este estranho conhecido

“Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas [...]. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes” (SANTOS, 2004: 17).

É este mundo confuso e confusamente percebido que traduz a globalização; daí, talvez, a heterogeneidade de conceitos afirmativos e negativos sobre tal. Outro dado a cooperar com essa dificuldade epistemológica seja, também, a “versatilidade de seu conceito no domínio do senso comum, impregnado de ideologias, mitos e dados [...]” (RAMOS et BARBOSA, 2002: 86).

Sua origem semântica remonta do neologismo inglês *globalization*, surgindo no meio das escolas de administração de empresa estadunidenses, sendo um dos primeiros a utilizar o termo globalização

“Theodore Levitt, da Universidade de Harvard, quando publicou em 1983 no periódico *Harvard Business Review* um artigo com o título *The globalization of markets*. [...] Outra possível origem da palavra globalização estaria não na linguagem da administração, mas na da comunicação. Sob esta ótica, sua origem deveria ser buscada nos escritos de Marshall McLuhan, teórico canadense das comunicações, mais especificamente em seu livro *Understanding media: the extensions of man*, publicado nos Estados Unidos em 1964” (SENE, 2003: 21-23).

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Autores franceses relutam em usar o termo globalização para denominar o atual estágio do capitalismo, preferindo mundialização como um termo que melhor denominaria o período em que passamos. Contudo, preferimos aceitar a opção de Milton SANTOS (2002, 2002a, 2004) que em seus livros utiliza os dois termos sem diferenciá-los. Entretanto, como os Parâmetro Curriculares Nacionais adotam para fins conceituais o termo globalização, será este o mais utilizado neste trabalho.

Seguindo a discussão a respeito do atual estágio do capitalismo – ou seja, a globalização – são muitos os autores – sobretudo, economistas – que negam sua existência, dizendo que aquilo que assistimos na atualidade nada mais é do que a continuidade do imperialismo.

“No entanto, muitos autores que questionam a existência da globalização, aparentemente não têm levado em conta alguns aspectos centrais do fenômeno. Ou não levam em consideração a importância do espaço geográfico, ou não levam em consideração o avanço das técnicas, que por sua vez se materializam no espaço. [...] A globalização não está restrita à economia, tem repercussões no plano social, na cultura, na política e algumas de suas conseqüências mais importantes estão materializadas no espaço geográfico. Os que defendem a continuidade do imperialismo não consideram o avanço das técnicas e suas conseqüências no espaço geográfico. As técnicas que davam suporte à expansão capitalista [...] no período capitalista, e que, conseqüentemente moldavam a própria noção de espaço geográfico mundial, eram completamente diferentes das atualmente vigentes” (SENE, 2003: 31).

Confirmando o fragmento supracitado de Eustáquio de SENE, quando fala da diferenciação entre as técnicas do imperialismo e da globalização, temos

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Milton SANTOS (2002a), quando nos explica a respeito do surgimento do meio técnico-científico-informacional.

“O terceiro período começa praticamente após a segunda guerra mundial, e sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70. É a fase a que R. Richta (1968) chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores pelo fato da interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas. Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. [...] Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes de novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*” (SANTOS, 2002a: 238).

“[...] A globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2004: 24).

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Assim, a globalização seria o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, apoiado sobre um meio técnico-científico-informacional, tão bem representado pela grande rede de computadores mundial – a *internet* – impregnado por sua ideologia, que o auxiliou na tarefa de difusão sobre o espaço geográfico, homogeneizando as ações perversas do capital globalizado sobre todo planeta.

Poderíamos explicar a globalização, tal como se estrutura na atualidade, a partir de alguns fatores que Milton SANTOS (2004) nos apresenta. Estes seriam:

- ✓ A unicidade técnica;
- ✓ A convergência dos momentos;
- ✓ O conhecimento do planeta;
- ✓ O motor único;

A unicidade das técnicas diz respeito à dimensão como as atuais técnicas se propagam sobre o planeta, bem como influenciam as demais técnicas existentes, além de ter, como vocação, a característica de invasora – quando não se contenta em permanecer no espaço em que foi colocada – buscando sempre se tornar hegemônica.

Por sua vez, a convergência dos momentos nos remete a instantaneidade com que as informações se difundem sobre o planeta, proporcionando o que, “do ponto de vista da física, chama-se de tempo real e, do ponto de vista histórico, será chamado de interdependência e solidariedade do acontecer” (SANTOS, 2004: 27), realizado graças à difusão do sistema técnico atual. Também graças ao sistema técnico atual, o conhecimento do planeta, enquanto conhecimento extensivo e aprofundado, vai se dá de tal forma nunca antes possível.

Finalmente, o motor único nada mais é do que a mais-valia global, agora não mais difusa entre impérios capitalistas distintos, que de maneiras diferenciadas se desenvolviam.

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

“Este motor único se tornou possível porque nos encontramos em um novo patamar da internacionalização, com uma verdadeira mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação. Esse conjunto de mundializações, uma sustentando e arrastando a outra, impondo-se mutuamente, é também um fato novo” (SANTOS, 2004: 30).

1.1.1. Globalização perversa e a outra globalização possível

É exatamente a mais-valia global, traduzida na política das empresas globais, que delinea o atual estágio do capitalismo. Desta maneira, todos os fatores que explicam a globalização se dão por conta da obtenção desta mais-valia global, fazendo com que a globalização, tal como a conhecemos, se imponha “à maior parte da humanidade como uma globalização perversa” (SANTOS, 2004: 37).

“Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos. A perversidade sistêmica é um dos seus corolários.

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Dentro desse quadro, as pessoas sentem-se desamparadas, o que também constitui uma incitação a que adotem, em seus comportamentos ordinários, práticas que alguns decênios atrás eram moralmente condenadas. Há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e os crescentes agravos à soberania, enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social” (SANTOS, 2004: 37-38).

Seria esta globalização perversa o que consideramos importante destacar enquanto conceituação do período por que passamos, pois assim podemos desmascarar as ideologias e fábulas do capital globalizado, contidas em tudo que nos cerca no cotidiano, proporcionando um novo pensamento crítico, o que poderia se converter numa globalização mais humanitária, uma vez que “as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso” (SANTOS, 2004: 23). Essas escolhas e combinações são determinadas pela política. Sendo a política preocupada com a humanidade e não com a mais-valia global, tais combinações e escolhas se darão de tal forma que uma outra globalização se fará.

1.2. A Inclusão Social: este conhecido estranho

A inclusão social é palavra de ordem em inúmeras políticas e programas de órgãos e instituições governamentais ou não. Tudo que envolva o benefício de classes desprovidas de, principalmente, bens materiais é enquadrado como sendo um esforço à inclusão social desta parcela da sociedade. Por isso é difícil discutirmos e estabelecermos uma conceituação sobre inclusão social sem

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

tocarmos em sua antítese, a exclusão social, pois se assim o fizermos, estaremos fatidicamente incorrendo em erro, uma vez que “a exclusão e inclusão social são necessariamente interdependentes. Alguém é excluído de uma dada situação de inclusão” (SPOSATI, 2000: 5).

Contudo, temos que destacar que o termo inclusão social é, na maioria das vezes, tomado de forma incompleta, ou seja, utilizado para interpretar uma ínfima parte de seu universo real; quase sempre, como já dissemos, sendo interpretada como alguma ação paternalista de distribuição de renda e/ou bens materiais.

Sendo assim, acreditamos que, ao usarmos o termo inclusão social somente, estaremos correndo o risco de sermos confundidos com sua utilização parcial, sendo isso prejudicial em nosso esforço de conceituação mais abrangente do termo. Aldaíza SPOSATI nos apresenta como opção epistemológica para melhor caracterizarmos a abrangência da inclusão social, o termo utopia da inclusão social, destacando sete campos a serem contemplados para que verdadeiramente haja a inclusão social. São eles:

“Autonomia: o conceito de autonomia é compreendido, no âmbito do Mapa da Exclusão/Inclusão Social, como a capacidade e a possibilidade do cidadão em suprir suas necessidades vitais, especiais, culturais, políticas e sociais, sob as condições de respeito às idéias individuais e coletivas, supondo uma relação com o mercado, onde parte das necessidades deve ser adquirida, e com o Estado, responsável por assegurar outra parte das necessidades; a possibilidade de exercício de sua liberdade, tendo reconhecida a sua dignidade, e a possibilidade de representar pública e partidariamente os seus interesses sem ser obstaculizado por ações de violação dos direitos humanos e políticos ou pelo cerceamento à sua expressão. Sob esta concepção o campo da autonomia inclui não só a capacidade do cidadão se autosuprir,

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

desde o mínimo de sobrevivência até necessidades mais específicas, como a de usufruir de segurança social pessoal mesmo quando na situação de recluso ou apenado. É este o campo dos direitos humanos fundamentais.

Qualidade de vida: a noção de qualidade de vida envolve duas grandes questões: a qualidade e a democratização dos acessos às condições de preservação do homem, da natureza e do meio ambiente. Sob esta dupla consideração entendeu-se que a qualidade de vida é a possibilidade de melhor redistribuição – e usufruto – da riqueza social e tecnológica aos cidadãos de uma comunidade; a garantia de um ambiente de desenvolvimento ecológico e participativo de respeito ao homem e à natureza, com o menor grau de degradação e precariedade.

Desenvolvimento humano: o estudo do desenvolvimento humano tem sido realizado pela ONU/PNUD, por meio do Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH). Com base em suas reflexões, entende-se que o desenvolvimento humano é a possibilidade de todos os cidadãos de uma sociedade melhor desenvolverem seu potencial com menor grau possível de privação e de sofrimento; a possibilidade da sociedade poder usufruir coletivamente do mais alto grau de capacidade humana.

Eqüidade: o conceito de eqüidade é concebido como o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, eqüidade é entendida como possibilidade das diferenças serem

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias etc.

Cidadania: é aqui considerada como o reconhecimento de acesso a um conjunto de condições básicas para que a identidade de morador de um lugar se construa pela dignidade, solidariedade e não só pela propriedade. Esta dignidade supõe não só o usufruto de um padrão básico de vida como a condição de presença, interferência e decisão na esfera pública da vida coletiva.

Democracia: A possibilidade do exercício democrático é componente de inclusão local na medida em que esta supõe cidadania e não acesso a renda e serviços, o que coloca as pessoas no patamar da sobrevivência sem alcançar a condição de sujeitos cidadãos.

Felicidade: Seguramente, o caminho maior da inclusão é a felicidade. Atingi-la supõe muito mais do que a posse, o acesso a condições objetivas de vida. Ela traz à tona a subjetividade, e nela o desejo, a alegria entre um conjunto de sentimento em busca da plenitude humana. Vale dizer, uma situação que permita que o potencial das capacidades humanas sem restrições a povos ou pessoas possa se expandir. De cada um conforme a sua capacidade, e a cada um conforme sua necessidade!" (SPOSATI, 2000: 5).

Concordamos com SPOSATI ao apontar estes sete campos como os mínimos necessários para que haja a inclusão social. A autora utiliza bem o termo utopia de inclusão social em seu trabalho, porque analisa o espaço geográfico – no caso, a cidade de São Paulo – tal como existe. Assim, sem alterarmos o

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

sistema capitalista, tal inclusão social que abranja completamente os sete campos propostos não passa realmente de uma utopia.

Entretanto, acreditamos que, ao utilizarmos o termo utopia de inclusão social, estaríamos fadando nosso trabalho ao fracasso, pois procuramos apontar a existência da possibilidade desta inclusão social – abrangente de todos estes campos – concretizar-se. Para tanto pensamos ser mais eficaz a utilização do termo *verdadeira inclusão social*, uma vez que este nos possibilita sair do entendimento vulgar e, concomitantemente, nos auxilia nos esforço demonstrá-lo como possível concretamente.

1.3. A outra Globalização e a Verdadeira Inclusão Social

A outra globalização possível e a verdadeira inclusão social são indissociáveis no período em que vivemos, por ser a primeira condicionante para a efetivação da segunda.

“Uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem. Sem dúvida, essa desejada mudança ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão. Nas presentes circunstâncias, conforme já vimos, a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro sustentado por uma informação ideológica, com a qual se encontra em simbiose. Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas suas dimensões [...]. A primazia do homem supõe que ele estará colocado no centro das preocupações do mundo, como um dado filosófico e como uma inspiração para as ações. Dessa forma, estarão assegurados o império da compaixão

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

nas relações interpessoais e o estímulo à solidariedade social, a ser exercida entre indivíduos, entre o indivíduo e a sociedade e vice-versa e entre a sociedade e o Estado, reduzindo as fraturas sociais, impondo uma nova ética, e, destarte, assentando bases sólidas para uma nova sociedade, uma nova economia, um novo espaço geográfico. O ponto de partida para pensar alternativas seria, então, a prática da vida e a existência de todos” (SANTOS, 2004: 148).

Nos dizeres de Milton SANTOS, seria a verdadeira inclusão social o império da compaixão e a solidariedade, só possíveis, assim como o é para a mais-valia global, através do meio técnico-científico-informacional disposto pela sociedade contemporânea, ou seja, as bases materiais, tanto para a mais-valia global, quanto para a verdadeira inclusão social estão postas e são as mesmas. Então o que as diferencia? Exatamente a política, as ações a serem tomadas.

SANTOS (2004) ainda nos salienta sobre como se processa a atual globalização, sendo algo imposto, de cima para baixo, pelos países desenvolvidos. Também mostra a importância que tem os países chamados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento na busca de uma outra globalização, deixando de lado as ideologias atualmente existentes.

“É previsível que o sistemismo sobre o qual trabalha a globalização atual erga-se como um obstáculo e torne difícil a manifestação da vontade de desengajamento. Mas não impedirá que cada país elabore, a partir de características próprias, modelos alternativos, nem tampouco proibirá que associações de tipo horizontal se dêem entre países vizinhos igualmente hegemônicos, atribuindo uma nova feição aos blocos regionais e ultrapassando a etapa das relações meramente comerciais para alcançar um estágio mais elevado de cooperação. Então, uma globalização

1. GLOBALIZAÇÃO E A VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

constituída de baixo para cima, em que a busca de classificação entre potências deixe de ser uma meta, poderá permitir que preocupações de ordem social, cultural e moral possam prevalecer” (SANTOS, 2004: 154).

Acreditamos que essa globalização produzida de baixo para cima, que propiciará a verdadeira inclusão social, encontra na educação, ou seja, a instrumentação do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade no desmantelamento da carga ideológica existente nos objetos e informações cotidianas, uma de suas bases principais. Uma outra base, como já dito, é o próprio sistema técnico atual, capaz de auxiliar na propagação da conscientização.

“É muito difundida a idéia segundo a qual o processo e a forma atuais da globalização seriam irreversíveis. Isso também tem a ver com a força com a qual se revela e instala em todos os lugares e em todas as esferas da vida, levando a pensar que não há alternativas para o presente estado de coisas. No entanto, essa visão repetitiva do mundo confunde o que já foi realizado com as perspectivas de realização. Para exorcizar esse risco, devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe [...], mas pelo que pode efetivamente existir [...]. O mundo datado de hoje é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições” (SANTOS, 2004: 160).

Mais uma vez aparece a educação como base para que as ideologias sejam desmascaradas e uma outra globalização, que traz consigo uma verdadeira inclusão social, efetue-se. Daí considerarmos de primordial importância a análise de como a globalização tem sido tratada no Ensino Médio.

2. GLOBALIZAÇÃO NOS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO – PCNEM: UMA ANÁLISE RELACIONADA À VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM* – encontramos o seguinte conceito relacionado à globalização:

“É necessário ter clareza que a globalização é um fenômeno decorrente da implementação de novas tecnologias de comunicação e informação, isto é, de novas redes técnicas, que permitem a circulação de idéias, mensagens, pessoas e mercadorias num ritmo acelerado, e que acabaram por criar a interconexão entre os lugares em tempo simultâneo. Neste processo, tiveram papel destacado a instalação de redes técnicas, incluindo-se a indústria cultural, a ação de empresas multinacionais e a circulação do capital, que intensificaram as relações sociais em escala mundial, interligando localidades distantes, de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorridos a milhares de quilômetros de distância” (PCNEM, [1999]: 33-34).

Ainda nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN+ EM* – encontramos como concepção norteadora e elementos de aprofundamento relacionados aos

2. GLOBALIZAÇÃO NOS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO – PCNEM: UMA ANÁLISE RELACIONADA À VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

conceitos de globalização, técnicas e redes o seguinte, conforme pode ser visto na tabela 1.

Tabela 1 – Concepção norteadora e elementos de aprofundamento relacionados aos conceitos de globalização, técnicas e redes

Conceito	Concepção norteadora	Elementos de aprofundamento
Globalização, técnicas e redes	O fato gerador é o processo de globalização, que corresponde a uma etapa do processo de implementação de novas tecnologias, que acabaram por criar a intercomunicação entre os lugares em tempo simultâneo. Para sua ocorrência, torna-se fundamental a apreensão das técnicas pelo ser humano e a expressão das redes, que não se restringem à comunicação, mas englobem todos os sistemas de conexão entre os lugares.	A globalização é basicamente assegurada pela implementação de novas tecnologias de comunicação e informação, isto é, de novas redes técnicas que permitem a circulação de idéias, mensagens, pessoas e mercadorias, num ritmo acelerado, criando a interconexão dos lugares em tempo simultâneo.

Fonte: PCN+ EM, [2004]: 56.

Ainda no PCN+ EM, ao apresentarem as correlações entre os vários conceitos básicos da Geografia, principalmente relacionando-os com o espaço geográfico, observamos o seguinte relacionado à globalização:

“O espaço terrestre é, no entanto, um espaço que vai se homogeneizando nas suas relações, criando sistemas de unificação que, existentes sob diferentes

2. GLOBALIZAÇÃO NOS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO – PCNEM: UMA ANÁLISE RELACIONADA À VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

identidades ao longo do tempo histórico, transformando-se hodiernamente em sistemas de grande alcance e de grande dependência, aos quais damos o nome de globalização. Trata-se, então, de mais um importante conceito ligado ao processo de evolução do espaço geográfico e de sua moderna estruturação. É com base nas estruturas técnicas e das redes que a globalização se concretiza e, por isso mesmo, os conceitos de técnicas e de redes estão ligados a ela – técnicas como pressuposto das conquistas do homem, essenciais para aprimoramento dos sistemas de comunicação e, portanto, do domínio do espaço e de sua transformação em elemento no qual as distâncias desaparecem diante do tempo real. Para que isso ocorra, as técnicas acabam por propiciar o desenvolvimento das redes, não necessariamente materiais, mas aquelas que permitem não só a circulação dos fluxos de produtos e mercadorias, mas inclusive de pensamentos, imagens e de valores. Técnicas, redes e processo de globalização são, portanto elementos que se entrelaçam no espaço geográfico, entendido dentro da concepção de Milton Santos como um sistema de objetos e ações” (PCN+ EM, [2003]: 57).

Partindo do conceito, concepção norteadora, elementos de aprofundamento e correlação com outros conceitos de Geografia perceberíamos que há, mesmo que de forma implícita, uma fuga no debate ideológico a respeito da globalização, propondo ao educador que seja transmitido ao educando a globalização enquanto um período “no processo de implementação de novas tecnologias de comunicação e informação” (PCNEM, [1999]: 33). Tomando somente este conceito por premissa, fica quase impossível relacioná-lo com a

2. GLOBALIZAÇÃO NOS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO – PCNEM: UMA ANÁLISE RELACIONADA À VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

verdadeira globalização, pois as questões referidas à ideologia e, principalmente, a quem esta globalização serve ficam sem respaldo.

Acreditamos que Milton Santos, citado no PCN+ EM, considerava as ações tão importantes quanto os objetos; idéia que compartilhamos com o autor. Nesse sentido, é necessário que, no conceito relacionado à globalização no PCN, estivesse mais explicitado quais são os atuais agentes que colocam em processo esta globalização e a que esta globalização serve. Assim, além de apontar a globalização como uma “etapa no processo de implementação de novas tecnologias” (op. cit.), também deveria ser acrescentado ao conceito que se trata, conforme vem se processando, do estágio mais avançado de desenvolvimento do capitalismo, servindo, portanto, a seus ideais. A partir deste acréscimo no conceito de globalização, o educador poderia passar a debater com seus educandos como utilizar o processo de globalização em prol não do capitalismo, mas, uma vez conseguindo enxergar a ideologia existente nos objetos, a favor da verdadeira inclusão social, ou seja, por uma outra globalização.

Contudo, os próprios documentos que analisamos deixam claro que o que apresentam não é algo imutável e acabado, o que nos deu a liberdade de apresentarmos nossa proposta de conceito sobre globalização.

“A opção por conceitos e não por definições estanques é essencial para estruturação da Ciência Geográfica, que busca libertar-se da concepção de disciplina de caráter essencialmente informativo para se transformar numa forma de construção do conhecimento reflexiva e dinâmica, permitindo a criatividade e, principalmente, dando ao educando as necessárias condições para o entendimento do dinamismo que rege a organização e o mecanismo evolutivo da sociedade atual. Numa sociedade onde se torna importante redimensionar os conceitos que vêm sendo construídos ao longo dos tempos e, principalmente, atribuir-lhes uma nova dinâmica e um novo contexto, a ser pensado dentro de um mundo em forte movimento de transformação, não

2. GLOBALIZAÇÃO NOS CONHECIMENTOS DE GEOGRAFIA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO – PCNEM: UMA ANÁLISE RELACIONADA À VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

mais justifica trabalhar com definições prontas ou mesmo com conceitos acabados. Nesse sentido, a concepção conceitual permite uma abertura, na medida em que, por princípio, o conceito não é algo acabado, comportando redefinições e reajustes que se compatibilizam com as visões que se deve ter, a cada momento, do mundo em transformação. No caso da Geografia, os conceitos elaborados para constituir a base das estruturas dos conhecimentos a serem construídos no Ensino Médio são, todos eles, elementos passíveis de discussão e de elaboração de dados essenciais à compreensão dos fatos geográficos” (PCN+ EM, [2003]: 58).

Consideramos que nosso conceito relacionado à globalização vem atender de forma mais abrangente às competências específicas da Geografia no Ensino Médio, principalmente relacionado às competências de investigação e compreensão que os educandos devem adquirir durante o ensino da Geografia, tornando os educandos verdadeiros agentes sociais, capazes de lutarem por uma outra globalização, concretizando assim, a verdadeira inclusão social.

Nesse sentido é necessário que analisemos também o instrumental disponível ao educador no ensino da Geografia em sala de aula, quase sempre traduzidos unicamente nos livros didáticos. Desta maneira, passemos a análise de alguns livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Por que analisar livros didáticos? Essa poderia ser a primeira pergunta que surgiria sobre este capítulo. Bem, acreditamos que respondemos a esta indagação no final do capítulo anterior. O livro didático, muitas vezes, em muitas escolas, é o único aparato de ensino que o educador dispõe, além de seus conhecimentos e do quadro de giz, para o debate em sala de aula. Por isso optamos por analisar os conceitos que trabalhamos nos livros didáticos, buscando observar como a globalização é descrita para que, assim, possamos relacionar o que há escrito com o que queremos transmitir.

Optamos por analisar dois livros da Editora Moderna que apresentam perspectivas de ensino diferenciadas no desenvolvimento do tema globalização, sendo que um trata a partir do mundo e o outro a partir do nacional.

O primeiro livro é de autoria de Demétrio MAGNOLI e Regina ARAUJO, sendo o responsável pela comunicação cartográfica Marcello MARTINELLI. Seu título é *Projeto de ensino de geografia: natureza, tecnologias, sociedades, geografia geral*, estando já em sua segunda edição.

Por sua vez, o segundo tem como título *Panorama geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios socioespaciais*, de autoria de Melhem ADAS, como colaboração de Sergio ADAS, sendo o responsável pela comunicação cartográfica Marcello MARTINELLI. Está em sua quarta edição, reformulada e atualizada.

A escolha por um livro de Geografia Geral e outro de Geografia do Brasil foi intencional, para que pudéssemos analisar os conceitos que aqui tratamos dentro dos dois conteúdos.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Também consideramos como boa, a chance de analisarmos dois livros com edições tão novas, pois assim podemos auxiliar os educadores na escolha de seu material didático, pelo menos dentro da temática que desenvolvemos neste trabalho.

3.1. A Globalização e a verdadeira inclusão social no livro didático de MAGNOLI et ARAUJO

Os autores, em seu livro, dão destaque ao tema, concedendo à globalização uma unidade completa, relacionando-a com a pobreza, composta por seis capítulos, a saber:

- ✓ Formação da economia-mundo;
- ✓ Globalização e revolução tecnocientífica;
- ✓ Os blocos econômicos supranacionais;
- ✓ Desenvolvimento e subdesenvolvimento;
- ✓ O crescimento demográfico; e
- ✓ A pobreza no mundo.

O capítulo intitulado *Formação da economia-mundo*, de número cinco, apresenta os antecedentes para o estabelecimento dos alicerces do atual processo de globalização. Destacamos neste capítulo o uso do gráfico que traduz os estudos de Nikolai KRONDATIEFF e, depois, de Joseph SCHUMPETER, sobre os ciclos longos do capitalismo, conforme podemos ver na figura 1. Este gráfico possibilita demonstrar ao educando a relação entre o desenvolvimento das técnicas e da tecnologia com o capitalismo e suas crises, enfatizando a ideologia existente. Ainda discorre sobre o imperialismo, processo anterior à globalização, apresentando as bases financeiras e políticas que validaram o processo de globalização no pós-segunda guerra mundial. Por fim, apresenta a atual estrutura de produção dos grandes conglomerados globais.

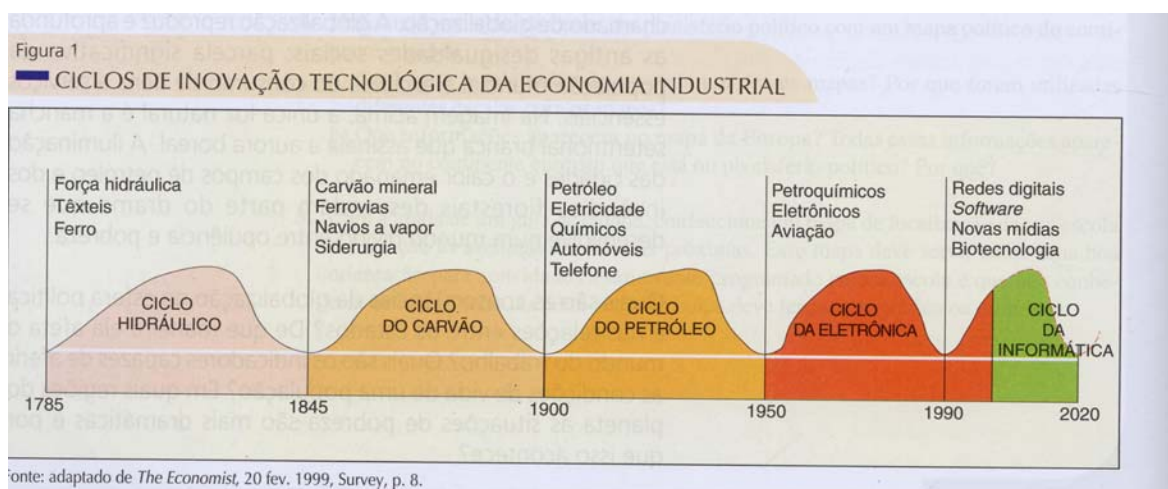
O capítulo seis, *Globalização e revolução tecnocientífica*, vem abordar exatamente a configuração das infra-estruturas necessárias para o atual processo

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

de globalização, explicando a evolução das técnicas até o período em que vivemos, o meio técnico-científico-informacional, apresentando a formação das redes globais de comunicação, destacando o papel das chamadas cidades globais como nós principais destas redes, traduzidos como centros de decisões. Demonstra a importância da conectividade entre os vários outros pontos das redes de informação, como podemos ver na figura 2, para o êxito econômico, descrevendo a desigualdade na distribuição da infra-estrutura necessária para inserção de uma dada região no processo de globalização.

“As infra-estruturas do meio técnico-científico-informacional se distribuem de modo desigual no espaço geográfico e abrangem diferencialmente os países, as regiões e as populações. As redes virtuais são acessadas cotidianamente pelos habitantes de classe média e alta dos países desenvolvidos. O acesso é menos intenso nos países subdesenvolvidos, especialmente naqueles carentes de infra-estruturas de comunicações. No meio rural dos países pobres, vastas parcelas da população estão excluídas da ‘era da informação’” (MAGNOLI et ARAUJO, 2004: 99).

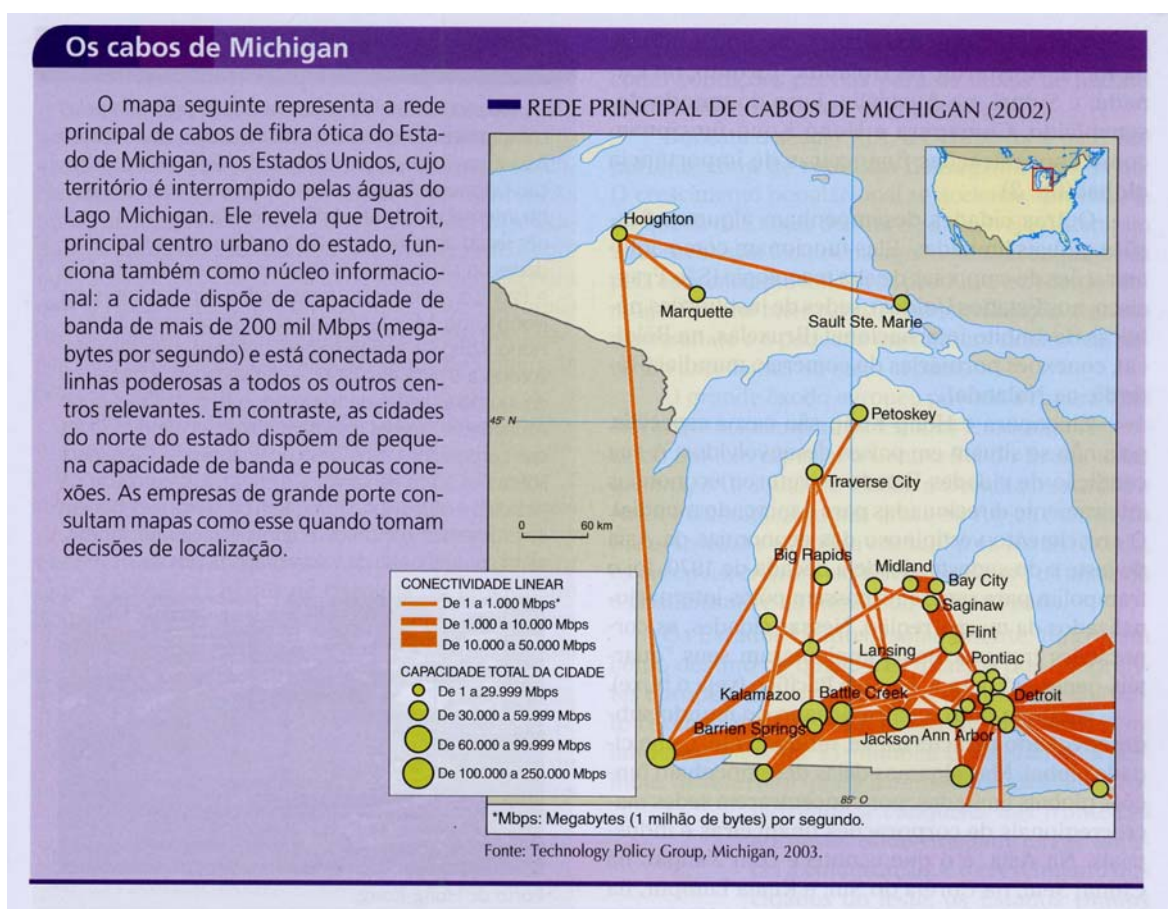
Figura 1 – Ciclos de inovação tecnológica de KRONDATIEFF e SCHUMPETER



Fonte: MAGNOLI et ARAUJO, 2004: 99.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Figura 2 – Quadro explicativo sobre a importância das redes de informação



Fonte: MAGNOLI et ARAUJO, 2004: 99.

Por fim, apresenta as migrações internacionais, desde a migração européia até as atuais migrações, destacando a questão econômica e tecnológicas em torno delas, quando sublinha sobre as “migrações de cérebros”.

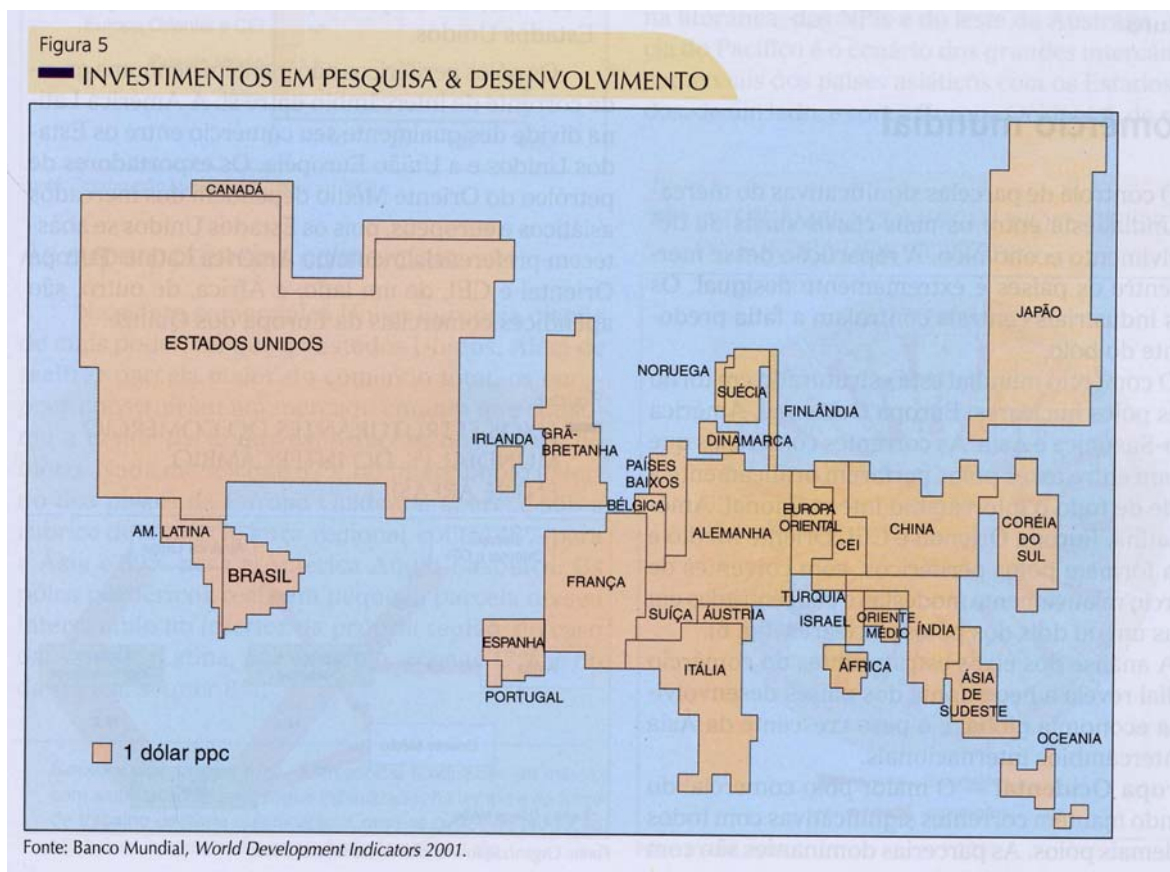
Por sua vez, o capítulo sete, *Os blocos econômicos supranacionais*, dá ênfase a formação dos blocos regionais, organizações político-econômicas próprias da globalização. Descreve sobre a formação da União Européia, da emergência do Japão e dos Tigres Asiáticos (ou Novos Países Industrializados – NPI’s) e do Nafta – Acordo de Livre Comércio da América do Norte – e os princípios das negociações sobre a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA, diferenciando as naturezas político-econômicas de cada um destes blocos regionais. Ao final do capítulo, mencionam de forma mais apurada as várias

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

tentativas de integração ocorridas na América Latina, como, por exemplo, o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL.

O capítulo intitulado *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, de número oito, trás os princípios básicos de macroeconomia, e comércio internacional, apontando também as desigualdades na industrialização mundial, bem como nos investimentos em tecnologia, conforme exemplificado no livro pela figura 3, e nas relações comerciais.

Figura 3 – Cartograma anamofórmico que representa investimentos em pesquisa e desenvolvimento no mundo



Fonte: MAGNOLI et ARAUJO, 2004: 127.

O capítulo nove, *O crescimento demográfico*, discorre sobre, como o próprio título diz, sobre a demografia mundial, apresentando as teorias relacionadas ao crescimento da população, como a teoria malthusiana, por exemplo, e também todos os conceitos relacionados ao tema, tais como: taxa de

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

mortalidade, taxa de natalidade, crescimento vegetativo, transição demográfica, etc.

Por último, o capítulo 10, *A pobreza no mundo*, trás informações sobre as tentativas de se quantificar a pobreza mundial, bem como apresenta a distribuição da mesma, apresentando as regiões de maior concentração de pobreza no mundo – o Sahel africano, o sudeste asiático – relacionando-os com a fome e com epidemias, como a AIDS na África, por exemplo.

Toda unidade apresenta, bem como todo o livro, informações gráficas bem distribuídas e selecionadas, com informes adicionais, tais como quadros, significado de termos usados durante o texto, por exemplo. A parte destinada ao professor é bem resumida, trazendo somente a idéia central de cada capítulo.

Contudo, percebemos que a unidade se traduz mais em informar sobre as bases econômicas e políticas, além do desenrolar da globalização, do que a de propiciar a um debate que pudesse vir a desmascarar a ideologia existente por trás do atual processo de globalização, a fim de podermos chegar ao conceito da verdadeira inclusão social. Mas isso não impede que o livro seja usado para tal fim, somente assinalamos que o educador que o for utilizar para o debate que propomos neste trabalho, deverá ter em mente que isso terá que ser feito através de outros meios além do livro didático – textos auxiliares, filmes, etc. – além do debate em sala de aula – indispensável de qualquer forma.

3.2. A globalização e a verdadeira inclusão social no livro didático de ADAS

Melhem ADAS trata a globalização relacionada ao Brasil. Desta maneira, a globalização está inserida em uma unidade de seu livro com o título *Brasil: o espaço industrial (impactos ambientais), globalização e neoliberalismo*. Esta unidade está dividida em cinco capítulos, que são:

- ✓ Da sociedade agrária para a urbano-industrial;
- ✓ A concentração e a relativa desconcentração espacial da atividade industrial no Brasil;

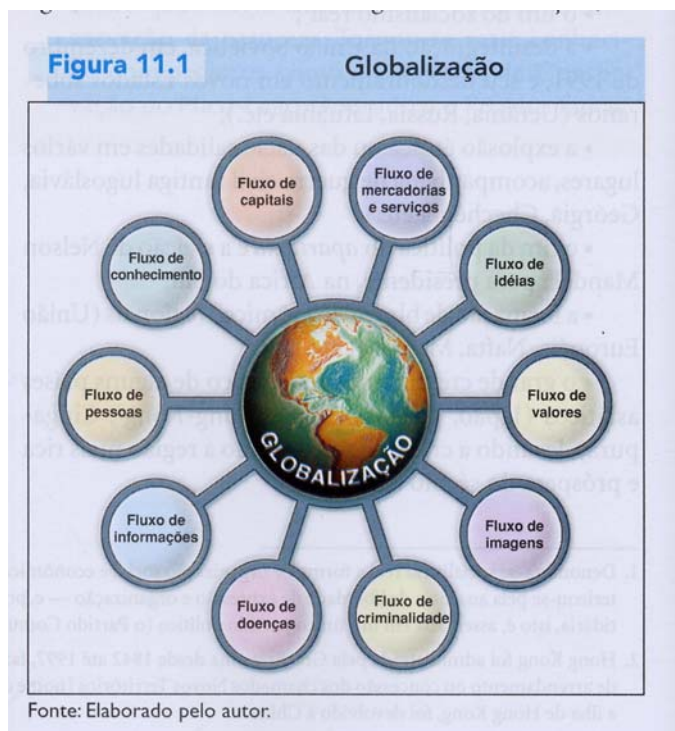
3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

- ✓ Impactos ambientais urbano-industriais
- ✓ Que modelo de desenvolvimento é esse que deteriora o meio ambiente e gera injustiça social?; e
- ✓ Brasil: globalização e comércio exterior (Mercosul e Alca).

Diferentemente da análise do primeiro livro didático de MAGNOLI et ARAUJO, vamos nos concentrar nos dois últimos capítulos da unidade que mencionamos, pois neles estão a essência daquilo que buscamos debater. Também iremos inverter a seqüência da análise – primeiro o último capítulo e depois o penúltimo.

O capítulo onze, *Brasil: globalização e comércio exterior (Mercosul e Alca)*, inicia-se apresentando as mudanças políticas internacionais – traduzidas resumidamente na queda do Muro de Berlim e no fim da Guerra Fria – que propiciaram a globalização do capitalismo, com a internacionalização da produção e das finanças, a concentração de capitais, etc. Sobre a globalização, o autor resume suas explicações através da figura 4.

Figura 4 – Globalização



Fonte: ADAS, 2004: 124.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Apresenta, também, as várias crises enfrentadas pela nova fase do capitalismo, resultados da flexibilização nos investimentos globais e a intensa articulação entre os vários mercados financeiros do mundo.

Parte, então, para a explicação do neoliberalismo, principal doutrina de política econômica adotada pelo Brasil em sua inserção na economia globalizada, apresentando sua ideologia e a defesa, pelos neoliberais, dos mecanismos de mercado para o controle da economia. Logo após apresenta o neoliberalismo no Brasil, descrevendo as políticas econômicas desencadeadas na década de 1990 no país, como as privatizações de setores estratégicos, como a siderurgia e as telecomunicações.

“De 1990 até nossos dias o país vem, portanto, aplicando à economia a ‘receita neoliberal’: desregulamentação, abertura econômica, privatizações de empresas estatais e diminuição da ingerência do Estado nos negócios. A ‘receita neoliberal’ estendeu-se ao mundo na década de 1990 e continua no novo século” (ADAS, 2004: 128).

Depois segue o capítulo com uma indagação: “Para onde a globalização e o neoliberalismo têm conduzido a sociedade?” (ADAS, 2004: 129). Esta indagação é respondida pelo acirramento dos conflitos étnicos e religiosos, aumento do desemprego estrutural (também conhecido como tecnológico) e o aumento da exclusão social.

Por fim, o capítulo discute a questão do comércio exterior, explanando a respeito da formação dos blocos regionais e termos e ações dos países no comércio internacional, tais como: *dumping*, política de subsídios dos países ricos, barreiras alfandegárias, etc., além de mostrar a resistência à globalização advinda de algumas parcelas das sociedades dos países desenvolvidos, como ilustra a figura 5. Principalmente discute a respeito do Brasil, seu comércio exterior e seu envolvimento – benefícios e malefícios – no MERCOSUL e na ALCA.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Figura 5 – Descontentamento perante a globalização



Fonte: ADAS, 2004: 132.

Por sua vez, o capítulo dez, *Que modelo de desenvolvimento é esse que deteriora o meio ambiente e gera injustiça social?*, introduz alguns conceitos que consideramos essenciais para a discussão da globalização e, principalmente, da verdadeira inclusão social, por isso optamos por fazer sua análise depois do capítulo onze, pois assim podemos desenvolver melhor nossas análises sobre a verdadeira globalização, amplamente pautada neste capítulo, relacionando-as com a globalização do capítulo posterior.

Primeiramente é introduzido o conceito da sociedade de consumo que pauta a vida social de hoje.

“[...] Vivemos sob um modelo de desenvolvimento calcado no consumo, ou melhor, na *sociedade de consumo*. Nesse tipo de sociedade, os valores sociais estão, de um modo geral, apoiados na idéia de que o sucesso do ser humano é medido pelo que ele consome de bens e serviços. [...] E isso ocorre independentemente do caráter do indivíduo, que se

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

tornou um valor secundário dentro da chamada sociedade de consumo, em que o *ter*, para grande parte das pessoas, superou o *ser*. Nesse tipo de sociedade o *aspecto econômico passou a ser o centro do sistema de valores*. Os demais valores sociais e a própria prática política ficam atrelados a ele” (ADAS, 2004: 115).

A partir da caracterização da sociedade de consumo, o autor passa a discorrer sobre os problemas ambientais advindos da mesma, procurando enfatizar o caráter global destes e a não preocupação para uma solução, ou seja, para a mudança social.

“Na verdade, esse modelo – que coisifica ou mercantiliza os recursos e o meio geográfico, sem se importar com seu esgotamento e desperdício, e que destrói o meio ambiente e não prioriza a justiça social – precisa ser discutido e repensado. Ele já provou sua incapacidade de resolver os problemas básicos de milhões de seres humanos em todo o mundo: a fome, a miséria, o analfabetismo, as altas taxas de mortalidade infantil, etc., cuja existência, juntamente com a deterioração do meio ambiente, constitui a prova mais contundente de seu fracasso. De que adianta o progresso científico, tecnológico e industrial, se o modelo que o gera tem criado uma profunda desarmonia entre as sociedades e a natureza e entre os próprios seres humanos!” (ADAS, 2004: 116).

Para finalizar o capítulo, é apresentada a proposta de desenvolvimento ecologicamente auto-sustentável, exemplificando com o Projeto Floram, proposto para o Brasil como uma via de desenvolvimento sustentável.

3. UMA ANÁLISE SOBRE GLOBALIZAÇÃO EM ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: POR UMA GEOGRAFIA DA VERDADEIRA INCLUSÃO SOCIAL

Encontramos neste livro todas as possibilidades para desenvolver o debate a respeito da globalização que pretendemos apresentar e a verdadeira inclusão social. O educador poderá ter como base na leitura destes dois capítulos para o debate em sala de aula para desenvolver nos educandos a visão da verdadeira inclusão social. Não obstante, a leitura de textos auxiliares e o uso de outros meios didáticos não são dispensáveis.

O próprio livro, na parte destinada ao educador, relaciona alguns títulos de filmes, obras de ficção, além de referências bibliográficas de apoio ao professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incentivar o educando a debater as informações, os padrões sociais, a sociedade em que está inserido é papel do educador. Em nossos dias, a formação de educandos críticos se torna ainda mais imperativa, dado que a ideologia hoje faz parte dos objetos que nos cercam e nunca, como vimos anteriormente, o ter, ao invés do ser, está tão disseminado na sociedade. Temos a obrigação de auxiliar nossos alunos na busca da realidade concreta, mostrando também que ele pode mudar aquilo que não acha certo, pois é agente social, um cidadão.

“Um dos saberes primeiros [...] é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. [...] Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 1996: 85-86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamos a ressaltar aqui o que dissemos na introdução. Demonstramos desde o início nossa posição frente ao que trabalhamos aqui, ou seja, revelamos nossas “cores ideológicas” frente ao processo de globalização e ao que acreditamos ser o melhor e possível para a sociedade, pois a neutralidade no ensino é algo falso e intencionalmente conformista. Isso deve acontecer também dentro de sala de aula na relação entre o educador e seus educandos, para que um diálogo sincero possa possibilitar o debate entre o que se quer que seja ensinado, o que se ensina e o que se espera ser ensinado. Só assim as possibilidades podem se tornar realidades, só assim os conceitos podem se tornar práticas. E isso não se aplica somente aos conceitos analisados neste trabalho, mas todo o conjunto da Geografia.

Contudo, trazendo a nossa discussão, a utopia de inclusão social, proposta por SPOSATI, só passa a ser verdadeira inclusão social – quer dizer, aquilo que é pensado como ideal, mas nunca atingível, só se torna plausível – quando se revelam as bases para tal. Em nosso caso, acreditamos ter obtido êxito nesta tentativa, mesmo que de forma parcial. A realidade que nos oprime e a tantos outros contrários a esta forma de viver é a mesma que contém as bases para que a mudança seja dinamizada. Basta somente o esclarecimento e a ação para tal. Assim, cremos que estamos contribuindo para uma Geografia da Verdadeira Inclusão Social no Ensino Médio.

Todavia, a de se respeitar o pensamento contrário ao nosso, quer dizer, os que acham que tudo está bem da maneira que está sendo. Mas nunca permitir a conclusão de que tudo é do jeito que é e não vai mudar, como está no fragmento linhas acima.

Este debate não se exauriu aqui e nem tivemos a pretensão de fazê-la. Acreditamos, entretanto, que estabelecemos as primícias para que outros possam se aprofundar neste debate em torno da verdadeira inclusão social, que não se encerra somente em sua relação com a globalização, mas que se relaciona com todos os aspectos do espaço geográfico.

Que nosso esforço conceitual possa surtir efeito na prática social, tanto nossa, quanto daqueles que participaram de nossa vida profissional e/ou pessoal, como para aqueles que tiverem a paciência de ler o desenrolar de nosso pensamento e análises neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais importante a deixar registrado é que nossa consciência se encontra tranqüila, pois tentamos expressar o que acreditamos e o que procuraremos transmitir e debater com todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAS, M. Panorama geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios socioespaciais. Colaborador Sergio Adas. Comunicação cartográfica Marcello Martinelli. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENOVEZ, P. C; MONTEIRO, A. M. V. et CÂMARA, G. Diagnóstico das áreas de exclusão/inclusão social através de sistema de informação geográfica na área urbana de São José dos Campos – SP. Disponível em <http://www.dpi.inpe.br/geopro/trabalhos/patricia_sbsr2001.pdf> acessado em 12 dez. 2004.

MAGNOLI, D. et ARAÚJO, R. Projeto de ensino de geografia: natureza, tecnologias, sociedades, geografia geral. Comunicação cartográfica Marcello Martinelli. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seb/pdf/cienciah.pdf>> acessado em 01 dez. 2004.

_____. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seb/pdf/CienciasHumanas.pdf>> acessado em 01 dez. 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, N. B.; **CHAVES**, T. S. et **SIMONCINI**, J. V. B. Globalização, neoliberalismo e impactos sobre a América Latina – conseqüências sobre o espaço urbano na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Anais do VI Encuentro Humboldt. Villa Carlos Paz, Argentina: Centro de Estudios von Humboldt, v.1, p. 1-15, 2004.

RAMOS, M. H. R. et **BARBOSA**, M. J. de S. Globalização, novas relações econômicas e impactos em cidades brasileiras. In: **RAMOS**, M. H. R. Metamorfoses sociais e políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 85-111.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova: da crítica a Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: 2002.

_____. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002a.

_____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SENE, E. de. Globalização e espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2003.

SIMONCINI, J. B. V. B. Neoliberalismo: particularidades na América Latina. Anais do V Encuentro Internacional Humboldt. Neuquén, v.1, p. 1-11, 2003.

SPOSATI, A. Cidade, território, exclusão/inclusão social. Disponível em <<http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/cidade.pdf>> acessado em 17 dez. 2004.

_____. Exclusão social abaixo da linha do Equador. Disponível em <<http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf>> acessado em 12 dez. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS. Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Curitiba: UFPR, 2000.